

TERRORISMO, GLOBALIZAÇÃO E OS EUA

J. O. de Meira Penna*

Preocupa-me cada vez mais, no noticiário disponível, nacional e internacional, a dificuldade de entender exatamente o que está ocorrendo no mundo por força de um fenômeno natural irreversível, a globalização. Resultado espontâneo do crescimento da tecnologia de transporte e comunicação, a globalização, que, no fundo, nada mais é do que a universalização da modernidade, é por muitos apreciada num processo mental que eu definiria como mágico. Há quarenta anos, o ensaísta e jornalista americano William Pfaff já qualificava esse tipo de pensamento de “política da histeria” - *The Politics of Hysteria, the Sources of XXth Century Conflict*. Já ouvi congressistas denunciarem, simultaneamente, a globalização como um mito, o que implicaria sua não-existência empírica, e uma catástrofe, deliberadamente concebida para prejudicar nosso País. Se sofremos do atraso, seria pelas pretensões da ONU, por um conluio de grandes potências (os G-7 por exemplo) ou, mais comumente, por culpa daquela, a maior de todas, descrita como arrogantemente empenhada no plano nefando de dominar o mundo. O que me parece óbvio é que a globalização, como todo importante processo histórico, cria condições inéditas que atormentam certas mentes sensíveis, ainda que não necessariamente débeis. Ouve-se falar na “maior crise da história” - frase que apenas extrapola o lugar-comum “a maior crise do Brasil”. Velhas de duzentos anos são essas expressões e, vergado sob o peso de muitas décadas de existência, às vezes me divirto, outras vezes, me enfastio com a repetição da tolice. Mas não são tolos os problemas que temos de enfren-

tar, pois as novidades, em toda crise nacional ou internacional, são isso mesmo, invenções inéditas - não preciso da inteligência de Einstein para chegar a essa conclusão.

O terrorismo internacional por meio de assassinos suicidas é um exemplo. Seu ineditismo resulta da circunstância de que, pela primeira vez em nível organizado, a globalização está encontrando uma resistência não apenas ideológica, o que é normal, mas irracional, violenta e de natureza religiosa. O terrorismo é hoje principalmente islâmico. Seria, no entanto, uma aberração dele culpar a grande maioria da população muçulmana do globo. Há milhões de muçulmanos na França, Alemanha, Espanha, Inglaterra e Estados Unidos, e só alguns, sobretudo jovens, se estão aliando, por conveniência tática, a elementos locais tido como “esquerdistas”. Ora, não se pode esquecer que, há menos de setenta anos, Mussolini solenemente erguia, na Líbia, a Espada da Jihad, como se dela fosse o campeão, e Himmler, chefe da Gestapo, elogiava o islã por flagrante oportunismo: ajudar o Afrikakorps do Marechal Rommel e obter o apoio árabe para a “solução final” do problema judaico.

Conselheiro para a Segurança Nacional do Presidente Carter, o polonês Zbigniew Brzezinski já escreveu várias obras sobre os problemas que enfrentamos num mundo em apuros. *Totalitarian Dictatorship and Autocracy* (Harvard UP) é de 1956, e *Between Two Ages: America's Role in the Technetronic Era* (Viking), de 1970. Elas lhe fizeram merecer o alto cargo com que foi brindado por Carter - por sinal, um dos mais medíocres chefes de Estado que os EUA se permitiram eleger. Mais recentemente, Brzezinski publicou um ensaio sobre o que talvez seja a questão fundamental de nossa idade: *The Choice: Global Domination or Global Leadership* (Basic Books). Na perspectiva do professor polaco, a escolha de

* O autor é embaixador.

dominação ou liderança global seria, obviamente, a que deve fazer a América. Sabemos, contudo, que a resposta decisiva na escolha será dada por nós, cidadãos conscientes de um mundo global. Como servidor de um político do Partido Democrata, Brzezinski não poupa críticas ao atual Presidente Bush. Não esconde, entretanto, que a principal contribuição para a mobilização dos muçulmanos foi feita por Clinton, ao apoiar os afegãos na luta contra a invasão soviética, os bósnios e albaneses contra os comunistas sérvios de Milosevich, sem falar (o que ele não diz) os próprios árabes, fortalecendo Mubarak, no Egito, e permitindo ao Kuwait reconquistar sua independência. Os inimigos dos EUA naturalmente alegam que o próprio Saddam Hussein foi por eles armado na guerra contra o Irã. Certo. Roosevelt também salvou a União Soviética dos invasores nazistas e, nesse sentido, protegeu um bandido, Stalin, mais perigoso e cruel do que Saddam. Na época, todos os defensores da liberdade, inclusive o maior deles, Churchill, aprovaram o recurso emergencial. Roosevelt igualmente sustentou o ditador Getúlio Vargas e financiou Volta Redonda - início de nossa expansão industrial. Há muito que falar sobre essas "escolhas" que nos enchem de perplexidade. Isso é apenas o início de um longo debate, cheio de ambigüidades, complexidades e contradições.

TERRORISMO INTERNACIONAL

*Carlos de Meira Mattos**

Em conferência realizada na Alemanha em 2002, o escritor israelense Amós Oz apresentou as seguintes características do fanático terrorista:

- Só consegue contar até um, não chega ao dois;
- Prefere sentir a pensar;
- Tem incrível fascinação pela morte;

- Despreza este mundo e prefere trocá-lo pelo céu;
- Não consegue ver as razões alheias;
- Alimenta certezas e convicções;
- É incapaz de fazer acordos ou assumir compromissos;
- Adota uma atitude de superioridade moral;
- Sempre quer mudar o outro, mas não consegue se colocar no lugar do outro;
- Traz um desespero dentro de si;
- Jamais tem senso de humor, mas ironia e sarcasmo.

O fanatismo das seitas radicais islamitas, agravado por sua interpretação do Livro Sagrado de Maomé, o Alcorão, discrimina a humanidade em fiéis e infiéis e prega a eliminação dos últimos. Presentemente, estamos vivendo a época da irrupção violenta do radicalismo islâmico sob o comando de grupos radicais fanáticos, que conseguiram organizar uma rede de violências que ameaça e surpreende, com atentados mortíferos, os países discriminados como inimigos infiéis.

O terrorismo como forma de eliminação do inimigo e chantagem psicológica existe desde tempos imemoriais. Sempre teve um caráter de violência pessoal ou contra um grupo hostil, inspirado em crenças políticas ou religiosas. O que traz de novo o atual terrorismo é a sua estratégia internacional de ação, capaz de perpetrar atentados no alvo escolhido em qualquer parte do planeta.

Do ponto de vista estratégico, o terrorismo islâmico se apóia em dois objetivos: objetivo permanente - a expansão do islamismo a toda humanidade, dividida em fiéis e infiéis; objetivo atual, proclamado por Bin Laden - "A Guerra Santa, Jihad, é um dever de todos os muçulmanos."

Não há desculpas. Deus (Alá) mandou lutar pela sua causa e pelo seu nome. O norte-americano e seus aliados não terão mais tranqüilidade enquanto seu Governo não retirar suas forças da terra sagrada de Maomé e não deixar de apoiar os infiéis de Israel contra os palestinos.

* O autor é General-de-Divisão, historiador e membro emérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil - IGHMB.

A tática do terrorismo islâmico combina a simultaneidade de dois objetivos: execução de atentados mortíferos e criação de uma permanente sensação de medo na população do país visado. O principal instrumento de ação terrorista é o homem ou mulher suicida. Essa disposição, e até orgulho, de morrer pela causa de Alá constituiu-se no fundamental fator de periculosidade da ação terrorista.

O fator homem suicida, empregado em larga escala numa disputa de amplitude estratégica, desequilibrou os fundamentos da guerra, que, até então, baseavam-se em combatentes que lutavam prezando a vida, querendo sobreviver. O fator homem suicida criou o inusitado, o imprevisível, o indefensável, é a arma diabólica do terrorismo.

Os radicais islâmicos estão organizados em seitas clandestinas que praticam sua sanha assassina sem nenhum respeito pela vida humana, tais como a Al-Qaeda, dirigida por Bin Laden, o Hamas, o Hezbollah e outras. A organização terrorista internacional possui, hoje, uma rede semelhante a de uma empresa multinacional, segundo divulgou uma pesquisa da Rand Corporation.

Possui capacidade de dirigir ações e movimentar fundos através de uma rede eletrônica. Tem cerca de sessenta seitas em países diferentes. Mantém um efetivo de 18 mil novos terroristas, candidatos a missões suicidas, recrutados em vários países e submetidos a centros de treinamentos, particularmente na Palestina e na Chechênia.

A pesquisa da Rand Corporation admite que o dirigente da rede internacional seja o próprio Bin Laden, formado em Economia e Administração pela conceituada Universidade Rei Abdul Aziz, da Arábia Saudita, e mais, que fundos não lhe faltam, oriundos de sua própria fortuna e de doações clandestinas que recebe, principalmente, de adeptos da Arábia Saudita.

A tática terrorista traz outro fator perverso, cria a “síndrome do medo”. As populações dos governos visados pelas ameaças vivem em clima de desassossego, de inquietação, à espera

de uma agressão indefinida, fugaz. As autoridades são obrigadas a tomar medidas de segurança que provocam prejuízos e aborrecimentos, limitando, particularmente, a liberdade de locomoção. O mais sagrado ideal dos povos democráticos, a liberdade, é constantemente ameaçada pela sensação de medo a que ficam submetidas as populações sujeitas às chantagens do terror.

O principal instrumento de defesa com que contam os Estados Unidos, a Inglaterra e os países de tecnologia mais avançada, ameaçados pelo terrorismo internacional comandado pela rede Al-Qaeda, é desenvolver ao máximo a capacidade de seus serviços de inteligência para detectar os planos de agressão antes que eles sejam executados.

Os serviços de inteligência são uma versão moderna dos antigos serviços de informação, setor importante de qualquer governo. Exige-se da “inteligência” dos governos possuidores de alta tecnologia de telecomunicações – satélites de vigilância e captação de sons e imagens, escuta eletrônica – muito mais do que a simples informação.

O TERRORISMO E A CONVENÇÃO DE GENEBRA

*Jarbas Passarinho**

Na tarde de 11 de setembro de 2001, o Presidente Bush disse a estudantes de uma escola que a “noite cairia sobre um mundo diferente e numa América diferente”, em estado de guerra com o terrorismo. De início, o “mundo diferente” a que se referiu, notadamente o mundo livre e civilizado, se solidarizou com os americanos. O prestigioso jornal parisiense *Le Monde*, parodiando John F. Kennedy, há quarenta anos, na crise de Berlim, sitiada pelos soviéticos, trazia a manchete de pri-

* O autor é Coronel da reserva. Foi governador do Pará, senador, ministro da Educação, da Previdência e da Justiça.

meira página: “Somos todos nova-iorquinos.” Realista, Francis Fukuyama previu: “A América é agora um país comum como outros, no sentido de ter interesses concretos e vulnerabilidades, antes que pensar em si unilateralmente como capaz de definir a natureza do mundo em que vive.”

A solidariedade mundial não arrefeceu quando o Presidente Bush atacou o Afeganistão militarmente para dismantelar os campos privilegiados de treinamento dos terroristas da Al-Qaeda. Destruuiu-os, mas não conseguiu aprisionar ou matar Osama bin Laden. Ao estender a ofensiva ao Iraque, interesses vultosos, da Rússia e da França, se opuseram aos Estados Unidos.

Muitas das lágrimas derramadas pelos mortos no atentado que destruiu as torres gêmeas de Nova York eram de crocodilo. Logo, Saddam Hussein deixava de ser o símbolo de um déspota sanguinário. Seus crimes eram esquecidos, protestos de ativistas de direitos humanos se seguiram em duras críticas à exibição da figura esquelética de Saddam exibida pelos seus captores, ao ser retirado do fundo do poço em que se escondera o facínora. Ressurgiu com todo o ímpeto o antiamericanismo, simbolizado num Bush arrogante. Nada de novo, exceto no grau de intensidade.

Em 1970, participei da *Atlantic Conference*, promovida por senadores americanos, para avaliar como os Estados Unidos eram vistos e julgados pelos países banhados pelo Oceano Atlântico e alguns pelo Pacífico. Entre os debatedores americanos, figurou – já em crescente prestígio intelectual – Samuel Huntington. Afirmou ao plenário que uma forma de os países com assento na conferência crescerem em popularidade nacional era criticar os Estados Unidos. Não discordo do que me parece ser verdade: a animosidade que o *big brother* desperta.

Em *A Obsessão Antiamericana*, Jean-François Revel atribui isso ao “ressentimento dos fracassados em sua evolução para a democracia, que, ao invés de procurarem a causa na sua própria

incompetência, têm o hábito de imputar aos Estados Unidos, em particular, e ao Ocidente, em geral, o seu fracasso”. Já os americanos adversários do Presidente Bush reconhecem que as fotos dos torturados prejudicaram mais ainda a imagem dos Estados Unidos. Zbigniew Brzezinski, em entrevista recente sobre as torturas na prisão de Abu Ghraib, no Iraque, declarou que “em toda a nossa história como nação nunca tiveram tão hostil a opinião mundial contra si”. Mas acrescenta: “O que aconteceu em Abu Ghraib é repetido diariamente ao redor do mundo. A diferença é que tais excessos de sadismo geralmente não são expostos pelos regimes que os praticam. O presidente dos Estados Unidos – a quem muito crítico – pediu desculpas públicas, e os culpados serão punidos. O mesmo não se poderá dizer da China, da Rússia e outros países, inclusive os árabes.”

Ainda que um velho brocardo diga que um erro não justifica outro, o ex-conselheiro de Segurança Nacional do Presidente Carter, que desde logo admite o abuso em relação aos direitos e deveres de prisioneiros de guerra, poderia estender-se sobre a tortura, não mais a comum na Antiguidade, mas a contemporânea que prevaleceu no século XX. A Alemanha nazista com a famigerada Gestapo, a tenebrosa KGB e as antecessoras, desde os tempos de Lenin, com a Checa, torturaram a valer. Quanto à França, “a pátria dos direitos do Homem”, o livro devastador *La Torture dans la République*, de Pierre Vidal-Naquet, um ensaio histórico, é denúncia chocante e comprovada da tortura como instituição de Estado na guerra da descolonização da Argélia. Um dos mais condecorados militares, o General Massu, ao escrever seu livro *A Batalha de Alger*, fez a apologia da “tortura funcional, que poupa a vida da vítima, mas obtém a informação necessária”. Defendeu a violação da Convenção de Genebra na Argélia, argumentando que os combatentes argelinos não eram soldados regulares e que, se fossem presos trajando o uniforme do adversário, já

não teriam a proteção dada ao prisioneiro comum: seriam fuzilados.

O terrorista vítima não combatentes, põe bombas em aviões civis, em trens de passageiros comuns, matando mulheres e crianças também. Argumento diverso não é o dos consultores jurídicos do governo Bush: “A Convenção de Genebra trata da guerra e não de terrorismo. Não é compreensível achar selvageria ameaçar um terrorista preso, usando um cão sem focinheira para

forçá-lo a dar informações vitais e não considerar a perversidade que ele praticou.”

Assim como o Tribunal de Nuremberg acabou com o “princípio da obediência devida” como justificativa de violências praticadas por subordinados seguindo ordens de superiores, causando uma revolução no campo jurídico militar, estamos vivendo outra doutrina revolucionária no mesmo campo: devem ou não os terroristas ser protegidos pela Convenção de Genebra? ●

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA

Coleção General Benício



História da Amazônia

Jean Soublin

Jean Soublin é um conhecido romancista e historiador francês com numerosas obras publicadas. Pode ser considerado como um dos melhores brasilianistas da França. Trata-se de um relato histórico sem os rigores acadêmicos, o que o torna acessível a todos os tipos de leitores. O autor faz uma rápida descrição das diversas regiões, relata as tentativas de colonização, comenta a expedição de Pedro Teixeira até Quito, descreve as negociações do Tratado de Madri de 1750, cita as lutas contra os franceses da Guiana e os holandeses do Suriname e a ampliação das fronteiras até aproximadamente os limites contemporâneos, entre outros inúmeros fatos até 1980.